

A LIXEIRA DA TERRA DURA: TERRITÓRIO DA FOME

Adelci Figueiredo Santos*
Cláudio Júlio Machado Mendonça Filho**
Luís Carlos Souza Silva**
José Ailton Castro Fontes**

ABSTRACT - The present work exhibition as the trash can of Hard Earth is important as middle of survival of a group of the population marginalized that lives of seeking garbage to kill the hunger.

INTRODUÇÃO

Com a consolidação do capitalismo, a industrialização ganha impulso e consistência, estimula a urbanização. As cidades, assim adquirem importância, espaços de decisão político-econômica, centros de poder.

Após a Segunda Guerra Mundial (1939/1945) o processo de urbanização aumenta nos países desenvolvidos, alcança países subdesenvolvidos. O processo ocorre de forma diferenciado no mundo, ora lento, ora mais rápido, trazendo mudanças de ordem política, econômica e social que envolvem toda população.

O processo de urbanização no Brasil não acontece de forma homogênea, cada região possui sua particularidade, tendo em vista que a ocupação e crescimento das regiões ocorre de forma distinta.

A urbanização nos países subdesenvolvidos foi intensa, especialmente após 1950. As cidades no entanto não estavam preparadas para atender as necessidades sociais e econômicas decorrentes do crescimento populacional. Emergem nessas condições problemas os mais variados, dentre eles a fome, a violência, o desemprego, a ausência de escolas, o sistema hospitalar, o transporte, a questão do lixo etc. Problemas, aliás, difíceis de serem resolvidos a médio e longo prazo.

A produção do solo urbano é conduzida por ações governamentais; aqueles que não se enquadram nos padrões exigidos, são colocados à margem do processo.

A ocupação de espaços periféricos, estimulam as contradições urbanas, aceleram a violência sofrida, principalmente pelas classes menos favorecidas. Processa-se, então, a invasão de áreas na periferia, desesperada forma de resistência da população marginalizada. As invasões são na realidade, a estratégia de sobrevivência para quem não tem moradia. Invadido e legalizado o espaço exige-se melhoria dos órgãos públicos como saneamento básico, energia elétrica, posto médico, iluminação pública, transporte, coleta de lixo etc.

O crescimento da população, quando desordenado, multiplica os desequilíbrios econômicos e sociais, agrava os problemas urbanos, as migrações aumentam, o desemprego se aprofunda, a escassez de moradia cresce, principalmente na periferia. Assim, a poluição avança, a educação se massifica, a saúde torna-se precária e o índice de violência aumenta. A fome e a marginalidade, nessas condições, alcançam altos índices. O problema da fome vem se acentuando. O médico CHAVES (1982:46), estuda o problema, classifica as causas em: Naturais - provocadas por secas, inundações, geadas, terremotos, turfões, epidemias e; Artificiais - causadas pelo homem através de guerras, desequilíbrio econômico-social, opulência e pobreza, devastação dos recursos naturais etc.

Os Programas de Desenvolvimento Sociais elaborados pelos governos, principalmente dos países subdesenvolvidos, apresentam a questão da alimentação em primeiro plano. Isso acontece para que a população não sofra de subnutrição, nem coloque em risco o desenvolvimento no seus países. Faz-se necessário investimento na agricultura, indústria e na compra de alimentos.

Há irregular distribuição de renda, os alimentos nem sempre chegam às populações necessitadas. Desprovidas de alimentos essenciais, as populações tornam-se frágeis, debilitadas, suscetíveis às doenças. Aumenta, assim, cada vez mais, o exército de miseráveis.

A fome é processo elaborado e mantido pelo homem. É o homem contra o próprio homem, consequência da ganância. A apropriação dos meios de produção se dá independentemente da produção de bens. As sociedades, na fase monopolista do capitalismo, estão dominadas por minorias, que levam ao colapso social, principalmente nas grandes e médias cidades dos países subdesenvolvidos, onde o desemprego coloca famílias inteiras na marginalidade.

* Professora Doutora, Visitante do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da UFS.

** Mestrando do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da UFS.

A fome é problema pouco divulgado, sabe-se que existe, mas ainda se ignora suas proporções. Grande parte da população dos países subdesenvolvidos sofre de subnutrição, ingere menos de 1900 calorias/pessoa. A subnutrição atinge, principalmente, crianças, mulheres grávidas e mães em fase de amamentação. Ela é uma das causas principais da mortalidade infantil no Brasil. A população não dispõe de meios básicos que lhes permita sobreviver, resistir às doenças. A nutrição, a saúde e a educação são ingredientes necessários ao processo de desenvolvimento de cada país.

Boa parte da população urbana não tem emprego, alimento e moradia, o que a faz ocupar, em paz ou com violência, os espaços periféricos disponíveis. A pobreza, em tal população, é grande e o nível educacional baixo. Ela, assim, não percebe que retirar o alimento do lixo e estimular infecções e outras doenças, comprometem a sobrevivência, apressa a morte.

A LIXEIRA DA TERRA DURA

A lixeira mencionada abrange área total de 427.833 m², utilizada, atualmente, apenas 175.410 m². A lixeira da Terra Dura, como é conhecida, localiza-se a sudoeste do município de Aracaju, no atual bairro de Santa Maria, próximo ao Aeroporto da Capital, tem como acesso principal a Rodovia SE-314. Segundo a EMSURB (Empresa Municipal de Serviços Urbanos), que pertence à Prefeitura Municipal de Aracaju (PMA) e administra a lixeira, o terreno é de propriedade do Sr. Otacílio Silva Santos, que o arrendou à PMA desde 1985, em contrato de 8 (oito) anos, tendo sido renovado.

A lixeira recebe, aproximadamente, entre 220 a 450 toneladas de dejetos, diante do crescimento da Capital a quantidade de lixo vem aumentando.

Quadro 1
Lixeira da Terra Dura
Quantidade de Lixo Coletado
1995- 2000 (até agosto)

ANO	TONELADAS/DIA
1995	220
1996	250
1997	300
1998	300
1999	450
2000 (até agosto)	360

Fonte: PMA/EMSURB, 2000.

O lixo são sobras originadas de diversos segmentos sócio-econômicos e de vários locais da cidade (áreas residenciais e comerciais: shoppings, mercados, hospitais, indústrias, entre outros). Sua origem é domiciliar, comercial, industrial, público-administrativo, serviços de saúde e especiais (demolições, móveis usados, carcaças de veículos, pneus, limpeza de terrenos baldios etc.).

O lixo pode ser classificado pela sua origem:

- Lixo comercial e do coroa¹; originário de shoppings, supermercados, centrais de abastecimento e de diversos armazéns;
- Lixo de origem residencial, constituído por vidros, plásticos, alumínio dentre outros materiais. Existe seleção entre os catadores, que privilegiam os bairros mais nobres;
- Lixo proveniente de hospitais, apesar da origem não é desprezado pelos catadores. Trata-se de lixo de alto risco. Há ainda o despejo de restos de caixões, vindos de cemitérios, sem o menor cuidado, sem o devido tratamento, motivo de preocupação para os catadores.

A população da Lixeira da Terra Dura é de aproximadamente 300 pessoas, a maioria constituída de desempregados sem qualificação profissional, sem instrução, originada de alguns municípios sergipanos, como Maruim, Carira, Nossa Senhora da Glória. Há os procedentes de Aracaju, e de Estados vizinhos: Pernambuco, Alagoas e Bahia, que chegaram à capital a procura de melhores condições de vida (Figura 1).

Figura 1
Sergipe
Migração para a Lixeira

¹ Designação dada pelos moradores da lixeira, em função do motorista, já falecido, que trazia o lixo.

A população que tenta sobreviver na lixeira é gente sem trabalho, moradia e alimentação, problemas crônicos da pobreza. Catar, selecionar e armazenar o lixo para vender é desesperada possibilidade de sobrevivência.

A produção de lixo, por bairro, varia de 200 a 400 t/mês, depende do tipo de concentração populacional. Quanto maior a concentração maior a produção. A produção de lixo em Aracaju, não mantém regularidade quanto ao volume produzido por bairro. Há menor produção de lixo nos bairros da periferia devido, principalmente, ao menor poder aquisitivo da populações. A área de estocagem, nos bairros Palestina, Getúlio Vargas e Pereira Lobo, é reduzida, em comparação aos bairros compreendidos na faixa de até 200 t/mês.

Os bairros que produzem de 200 a 350 t/mês de lixo, situam-se ao Sul e ao meio-Norte do centro de Aracaju. No sul há bairros de classe média e média-alta, maiores e contrastam com os bairros do meio-Norte da cidade, com maior concentração urbana e faixa de renda média-baixa.

Os bairros Salgado Filho, São José e Centro são grandes produtores de lixo, em torno de 350 a 400 t/mês. O Bugio, mesmo na zona periférica, tem grande concentração populacional e elevada produção de dejetos.

Os bairros que produzem acima de 400 t/mês estão distribuídos de forma irregular pela cidade, apresentam classes sociais diferentes e variações no contingente populacional, os casos de Luzia, 13 de Julho e América (Figura 2).

A produção de lixo, em Aracaju, varia de acordo com os bairros. A variação nos níveis de educação da população é o fator preponderante na distribuição da produção de lixo nos bairros da capital sergipana.

A retirada do lixo em Aracaju envolve 16 veículos coletores compactadores, 2 caminhonetes Toyotas pertencentes à empresa Torre, prestadora de serviços para a Prefeitura de Aracaju, e 3 veículos coletores compactadores pertencentes à EMSURB. São empregados na tarefa, aproximadamente 110 servidores.

Na distribuição do lixo, cada caminhão despeja seu conteúdo em locais distintos da lixeira de acordo com sua origem, havendo, portanto, uma setorização e posteriormente se dá a armazenagem dos produtos por categoria, fato que facilita no ato da comercialização. Para selecionar os produtos catados são usados como instrumento de trabalho apenas um gancho feito de vergalhão de ferro e o mesmo por estar em contato direto com o lixo acumulado torna-se altamente comprometedor para a saúde de cada indivíduo que participa do lixão, por se tratar de um equipamento infectado (Foto 1). No processo de catação pode ocorrer perfurações acidentais nos catadores, estes tornam-se suscetíveis a infecções que podem levá-los à morte.

O entrevistado Fábio afirma que essa população tem idéia das conseqüências, e diz:

“... pode passar grangena e perder a mão ou a própria vida. Por causa da furada de um prego um rapaz da lixeira da Soledade, eu morava lá na época, perdeu a vida.”

Como não existe o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), o risco de acidentes de trabalho é constante, evidenciando a vulnerabilidade da população da lixeira à infecções e outros males, principalmente as crianças que fazem parte do contingente populacional e que são também responsáveis pelo processo de produção daquele espaço.



Em relação a comercialização ficou constatado que muitos dos catadores dependem de atravessadores. Esses além de pagar preços irrisórios, encaminham o material selecionado para os Estado de Minas Gerais, Bahia e São Paulo (Figura 3). Os produtos variam de preço a depender da categoria. Plásticos e papelões (R\$ 0,03/kg), vidros e latas (R\$ 0,04/kg) e alumínio (R\$ 0,07/kg).

Apesar do volume do material catado ser considerável devido à grande quantidade de lixo acumulado, a renda pessoal dos catadores é insuficiente, primeiro porque há muitas pessoas trabalhando, segundo devido ao baixo preço dos produtos comercializados, consequência da presença dos atravessadores. O ganho é pequeno, precário.

Para quem vive na lixeira, morar significa construir sua casa com o lixo coletado. As precárias condições de vida impostas, obrigam à população recorrer à criatividade como estratégia de sobrevivência, daí porque utilizam materiais como papelão, plástico, madeira e zinco, catados no próprio ambiente. Não é pequeno, igualmente, o sofrimento dos que vivem próximo à lixeira, contraem doenças, não há saneamento básico, as águas superficiais e subterrâneas estão contaminadas pelo escoamento e infiltração do lixo. Quanto a água das chuvas ela é mal armazenada em tonéis não higienizados e permite, porque estagnada, a proliferação de larvas de insetos. Usada nas atividades domésticas e pessoais, a água, nessas condições, facilita a proliferação de doenças, como dengue, cólera etc. A água usada para beber ou cozinhar é trazida em baldes do povoado Caipe Velho (município de São Cristóvão), ou de uma bica distante 6 quilômetros da lixeira, transportada em carroças.

Segundo os moradores, a água é de boa qualidade, “é cristalina”, tanto é assim que os donos do terreno estão em negociação com a Água Mineral Indaiá para a sua exploração comercial. Isso é motivo de preocupação para os moradores da lixeira, que temem a não liberação da água para o consumo da comunidade. Há um riacho que circunda a lixeira, porém, o chorume que sai dele o polui, tornando-o impróprio para o consumo humano.

Figura 3
Brasil
Comercialização Interestadual Do Lixo Coletado
Lixeira Da Terra Dura
Aracaju
2000



FONTE: Trabalho de Campo, 1999.

A Lixeira da Terra Dura é área de extrema pobreza, sacrificada pela má qualidade da água consumida, pelas doenças que se proliferam, pela ausência da educação, a alimentação precária etc. Observa-se, a propósito, a opinião de CHAVES (1982:25) que diz:

“... um dos mecanismos de adaptação à carência protéica é o atraso do crescimento, bem como a diminuição da imunidade e a deficiência mental. Uma pessoa mal alimentada tende a adquirir

anomalias, deficiência intelectual, ligadas a fatores bioquímico-nutricionais. Outro fator de grande significação é a condição sanitária do ambiente. As infecções precipitam a deficiência nutricional, fazendo eclodir, muitas vezes, síndromas nutricionais graves, podendo levar até à morte.”

Apesar do sofrimento, na Lixeira, é escandaloso o comodismo do sistema político-econômico vigente, diante de uma situação social vergonhosa. A ausência de conscientização por parte da população não lhes permite lutar pelos seus direitos. Resultado, os indivíduos convivem impotentes com o perigo.

Não são poucos os que explicam: *“Não temos outra saída, precisamos matar a fome e a única saída é enfrentar a lixeira”*.

A fome é debatida através dos tempos, segundo ADAS (1995:17):

*“A fome é uma vergonha para a humanidade. É um flagelo, um grande genocídio. Violenta, mutila e aniquila milhões de homens, mulheres e crianças em todo o mundo, principalmente nos países subdesenvolvidos.
[...] dez milhões de crianças de menos de cinco anos morrem anualmente de fome ou de doenças delas decorrentes.”*

Crianças e adultos procuram na Lixeira o alimento, felizes quando encontram, pelo menos, uma fruta. Os animais convivem com as pessoas, dividem com elas os alimentos jogados no lixo.

A Declaração de Direitos Humanos menciona que toda criança tem direito à alimentação, moradia, educação, recreação, cuidados médicos, e que deve ser protegida contra todas as formas de abandono, crueldade e exploração. Mas isso, no caso da Lixeira da Terra Dura, não é levado em consideração, o próprio Estado não se conscientiza de seus deveres. O panorama sombrio da miséria não esconde suas vítimas, as quais na Lixeira da Terra Dura, sofrem triste e trágica condição humilhante de penúria e de desesperança (Foto 2).

A criança mal alimentada não desenvolve toda sua capacidade física, intelectual e moral. Na Lixeira da Terra Dura várias crianças tiram dela a alimentação, catam e selecionam materiais para ajudar na renda familiar. Tais crianças conhecem a fome endêmica, sofrem fome social. É fome de não ter o que comer, é fome de cidadania.

O trabalho infantil, nos países subdesenvolvidos, é uma forma cruel de exploração de menores. Não se respeita, no caso os direitos mais elementares da criança, propostos pela UNICEF. Na Lixeira da Terra talvez essa situação seja mais humilhante, porque tais crianças vivem em meio a animais e doenças de toda espécie.

É preciso, ante a problemática, ética e justiça social. A Lixeira da Terra Dura revela a face nua e crua de realidade marcada, pelo sofrimento diário, a vida de comunidade marginalizada pelo capital, do excludente e cruel processo da globalização.

Foto 2
Criança na Lixeira da Terra Dura



O Sr. “Fábio”, um dos moradores da Lixeira, relata que “o povo, todo ele”, que mora e vive da lixeira (e na lixeira), encontra-se lá por falta de opção, ele próprio tem renda pessoal, mensal, em torno de R\$ 80,00 (oitenta reais), é pouco, mas dá para se manter, como não tem onde viver, permanece no local. Explica o “Senhor Fábio”, que sua mãe mora no Bairro Industrial e sempre que pode, vai visitá-la. Seu lazer é ir à Praia de Atalaia para comer “um hambúrguer e tomar uma cervejinha” para distrair a mente. O mesmo tem certo grau de instrução, o 1º grau completo, possui curso de garçom, já trabalhou em restaurantes e bares de Aracaju e em bandas musicais de Sergipe e Bahia. Por conta do desemprego e dos baixos salários, voltou a morar na lixeira, lá permaneceu até ter conflitos pessoais com outros moradores do local. Segundo ele, sua infância foi na antiga lixeira do Bairro Soledade na zona norte de Aracaju, antes da mesma ser transferida para a atual Lixeira da Terra Dura. Assim se expressa:

“... ôxente, eu comecei com 7 anos de idade; agora, eu estudava durante a tarde, trabalhava pela manhã, a tarde eu ia pro colégio, saía meio dia, já vinha lá do lixo tomado banho, estudava no Olavo Bilac, aí quando eu saía de lá já ia direto pra lixeira, dormia lá, minha vida era assim. Quando pensa que não, proibiam as crianças de trabalhar na lixeira, então eu passei a lavar carro ou então como engraxate, depois que a lixeira foi transferida pra aqui, ... aí eu vim também com 13 anos de idade, tem 18 anos que eu tô no lixo.

Depois que tocaram fogo no meu barraco e do meu irmão, mataram meu cavalo, tocaram fogo na minha carroça (com carrada de plástico, de alumínio, de garrafa, até o cavalo foi no meio, me desgostei, saí três anos, fiz cursos, trabalhei como ajudante... mas voltei”.

Outro personagem do lugar é D. Narcisa, natural de Arapiraca, Estado de Alagoas, confirma que é da Lixeira o alimento de que dispõe, é dela que se “alimenta, nois tudo aqui”. Segundo a mesma não apenas os moradores da Lixeira, os que vivem no bairro da Terra Dura, hoje Santa Maria, os da invasão da Terra Dura, vêm todas as manhãs em busca do sustento, à tarde, entretanto, o lugar fica vazio restando apenas os que moram e trabalham na Lixeira.

É frustrante observar o comportamento dos atores ao chegar o “lixo comestível”. Toda dignidade é esquecida, posta de lado, fala mais alto o saciar a fome. Adianta Fábio, personagem da Lixeira:

“Quando chega o lixo comercial o povo reage que nem urubu na carniça. Chegou um cavalo morto ali, vocês estão vendo e os urubus não estão em cima, mas quando chega o lixo comercial

é pior que os urubus juntos. Eu digo assim porque eu sou um também. Quando cai o lixo eu vou em cima, não sou nenhum santo”.

A fome, faz um mundo de gente se submeter a tal situação. O instinto de sobrevivência é forte, todos catam e comem o que encontram. Há o caso do gás do lixo, usado para cozinhar. Cava-se mais ou menos dois metros no chão, o gás do lixo evapora; a chama chega a meio metro. O instinto de sobrevivência é mais forte do que o medo da explosão.

A Lixeira da Terra Dura apresenta um complexo de situações tanto econômicas quanto sociais, que reflete os processos e estruturas existentes no conjunto da sociedade. A maioria das pessoas poderia viver melhor se tivesse as condições mínimas de alimentação e cuidados sanitários básicos. Tal maioria silenciosa e desprotegida, pertence a um mundo que não respeita os direitos, nem cria condições para o cidadão viver condignamente.

A inércia dos organismos públicos “responsáveis” pelo bem estar-social, despertou o interesse da mídia pela Lixeira. Houve a ação do Ministério Público, pressionado pela sociedade e por organismos governamentais, locais e internacionais (UNICEF), no sentido de tirar as crianças da Lixeira. Resultado, mais ou menos 200 crianças foram colocadas em creches e escolas municipais, como a do Conjunto Padre Pedro, com direito a refeições diárias, seus barracos foram destruídos e outros foram construídos em madeirite, com telhas de amianto erguidos em um “local mais apropriado”. Seus pais, entretanto, continuam a trabalhar no lixo e elas próprias, ao final das aulas voltam para lá. A área do lixão está protegida, com uma cerca evitando a entrada de novos catadores. A área conta com policiamento da guarda municipal. Houve também, a proibição de despejos do lixo hospitalar e restos do cemitério, no sentido de diminuir a propagação de doenças.

O fato da Lixeira da Terra Dura servir aos urubus, fato que interfere no pouso das aeronaves fez, o Ministério Público entrar com ação, no sentido de mudar a sua localização. A partir de fevereiro de 2000, a Empresa Municipal de Serviços Urbanos (EMSURB), Secretaria da Educação e Desporto (SEED), Secretaria de Saúde, Secretaria da Ação Social, Fundação de Desenvolvimento Comunitário de Sergipe (FUNDASE), Núcleo de Amparo ao Trabalhador (NAT), e a própria INFRAERO (Empresa Brasileira de Infraestrutura Aero Portuária), têm tentado juntar seus esforços no sentido de intervir na Lixeira para melhorar a vida de seus habitantes através do trabalho, da saúde, da criação de novas infra-estruturas.

Parecer do Comando Aéreo, com sede em Recife, deseja a instalação de aterro sanitário em Nossa Senhora do Socorro ou São Cristóvão para resolver o problema das aeronaves ameaçadas pelos urubus: três casos de impactos nos aviões trouxeram prejuízos às companhias aéreas. Os prefeitos de Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão não aceitaram o parecer do Comando Aéreo e o impasse foi criado. Aguarda-se a posição do Ministério Público. Estão em suspenso, os seguintes problemas: a) mudança urgente do local da Lixeira; b) resolução da problemática social no tocante aos catadores de lixo e suas famílias; c) solução do conflito criado as Prefeituras de São Cristóvão, Aracaju e Nossa Senhora do Socorro em relação ao aterro sanitário.

Existe projeto da EMSURB para criação de usina de reciclagem e separação do lixo de Aracaju, que promete o aproveitamento de 400 famílias de catadores de lixo. Mas, o problema continua. Mudar o local da Lixeira parece não ser a melhor solução.

A Lixeira da Terra Dura não é causa, é efeito, produto de Estado parado no atraso, de município sem política econômica e social. É preciso industrializar, modernizar Sergipe e sua capital, multiplicar os investimentos e empregos, promover a redistribuição da renda, fatores necessários ao bem estar do seu contingente populacional.

BIBLIOGRAFIA

- ADAS, Melhem. A fome: crise ou escândalo? São Paulo: Moderna, 1988 (Coleção Polêmica).
- CASTRO, Ana Maria (org.). Fome: um tema proibido. Petrópolis: Vozes, 1983.
- CHAVES, Nelson. Fome, Criança e Vida. Recife: Massangana, 1982.
- DINHAM, Eunice R. A Caminho da Cidade. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- ELIAS, Denise. Fim de século e urbanização. In: Ciência Geográfica: ensino – pesquisa – método. AGB – Bauru, São Paulo. Ano IV, n. 11, setembro/dezembro de 1998.
- FERNANDES, M. Z. Pereira. Lixo: dilema das preocupações urbanas em Campina Grande. In: ANPEGE, Resumos, Comunicações e Mesas Redondas. 1º Encontro Nacional – Território brasileiro e globalização. Aracaju, NPGeo/UFS, 1995.
- FLEURY, Sônia (org.). Saúde e Demografia a Luta do CEBES. São Paulo: Lemos, 1997.
- FRANÇA, Lúcia Vera Alves. Aracaju: rumo a uma feição metropolitana. In: Capítulos de Geografia Nordeste. Aracaju, NPGeo/UFS, 1998.
- KOWARICK, Lúcio. A espoliação urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MARICATO, Erminia. Política urbana e de habitação. In: Praga: estudos marxistas, n. 6. São Paulo: HUCITEC, setembro de 1988.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Raízes da Fome. 3. ed. Petrópolis: FASE, 1987.
- PMA/EMSURB – Prefeitura Municipal de Aracaju/Empresa Municipal de Serviços Urbanos, 1999.
- SANTOS, Adelci Figueiredo. Invasões, favelas e desfavelamentos em Aracaju. In: Capítulos de Geografia Nordeste. Aracaju, NPGeo/UFS, 1998.
- ____ et alli. São Conrado, um bairro periférico na zona Sul de Aracaju. In: Cadernos de Geografia, n. 4, Aracaju, NPGeo, 1987.
- SANTOS, Milton. Ensaio sobre a urbanização latino-americana. São Paulo: HUCITEC, 1982.
- SCARLATO, F. C.; PONTIN, L. A. Do nicho ao lixo: ambiente, sociedade e educação. São Paulo: Atual, 1992.
- SILVA, Tânia Elias M. A lição do passado: cinquenta anos de geografia da fome. In: Revista Geotextos – 2º semestre de 1996 – Ano 1, n. 2.